

PAULO DE MEDEIROS

Esta bibliografia selectiva sobre o tema "Nacionalismo, Identidade, Literatura" foca sobretudo os vários estudos mais recentes sobre o assunto que têm vindo a ser publicados em livro, com uma excepção, o artigo de Dahrendorf. Dado o objectivo de divulgação, evitou-se a referência a autores portugueses, com a excepção óbvia de Eduardo Lourenço, assim como de um livro, publicado em Inglês mas com autoria parcial de investigadores portugueses, que pelo seu carácter não deveriam deixar de ser mencionados. Tanto o artigo de Onésimo de Almeida, como o livro de António Quadros referidos na "Introdução", aliás, proporcionam amplos dados bibliográficos sobre fontes portuguesas. Também grande número dos livros aqui referenciados inclui vastas bibliografias de útil consulta.

- **ANDERSON, BENEDICT** – *Imagined Communities: Reflections on the Origin and Spread of Nationalism*, London/New York, Verso, 1983 (2.ª ed. revista, 1991).

Indubitavelmente um dos livros mais importantes e constantemente citados na reconceptualização da problemática de nacionalismos e identidades nacionais, o estudo de Benedict Anderson, reconhecendo a dificuldade de se atingir um consenso sobre os conceitos de nacionalismo ou identidade nacional, parte do princípio de que as nações modernas, isto é, as nações-estado, com origem no fim do século XVIII, e principalmente a correspondente noção de 'nacionalidade' são «a destilação espontânea de um complexo cruzamento de forças históricas separadas» que, «uma vez criadas, se tornaram 'modulares', capazes de serem transplantadas, com graus variáveis de consciência própria, para uma grande variedade de territórios sociais, e capazes de confluír com uma correspondente enorme variedade de constelações políticas e ideológicas» (p. 4). A definição que

Anderson avança para nação, e que se tem vindo a tornar um lugar-comum, é a de «uma comunidade política imaginada - e imaginada como intrinsecamente limitada e soberana» (p. 6). Para Anderson, estas comunidades imaginadas dependem precisamente do desenvolvimento e expansão das técnicas de impressão para se constituírem, ou, nas suas palavras, «the convergence of capitalism and print technology on the fatal diversity of human language created the possibility of a new form of imagined community, which in its basic morphology set the stage for the modern nation» (p. 46).

- ▶ **BALAKRISHNAN, GOPAL** (ed.) - *Mapping the Nation*, London/New York, Verso/New Left Review, 1996.

Juntamente com outra antologia anterior (ver Hutchinson e Smith, *Nationalism*, 1994), a leitura desta colectânea representa um primeiro passo indispensável para quem se queira debruçar sobre questões de identidade nacional. Nela estão reunidos dois textos históricos: um, da autoria de Lord Acton, «Nationality» (1862), apresenta, nas palavras de Benedict Anderson que escreveu a «Introdução» ao volume, uma visão do conceito de nacionalidade como subversivo na sua capacidade de assumir poder, e uma defesa duma forma de estado imperial e heterogéneo, em que várias nacionalidades coexistissem, de maneira a possibilitar o avanço das chamadas «raças inferiores» em contacto com as «superiores» mas sem opressão. O outro texto histórico é o primeiro capítulo de *Die Nationalitätenfrage und die Sozialdemokratie* (1924), de Otto Bauer, em que, como Anderson indica, ele advoga a integração de socialismo e nacionalismo na construção de federações políticas, ao mesmo tempo que analisa a problemática da identidade nacional de um ponto de vista histórico e rejeita interpretações reaccionárias tendentes a exaltar o aspecto mítico dos povos (*Volksgeist*). Reunindo doze ensaios recentes, dispersos em várias revistas, de autores directamente ligados à reconceptualização da problemática da identidade nacional, esta colecção assume grande importância. Os autores representados são Miroslav Hroch, Ernest Gellner, John Breuilly, Anthony D. Smith, Gopal Balakrishnan, Partha Chatterjee, Katherine Verdery, Sylvia Walby, Eric J. Hobsbawm, Tom Nairn, Jürgen Habermas e Michael Mann. Embora todos os ensaios sejam relevantes, é de salientar o de Partha Chatterjee, «Whose Imagined Community?» em que, embora a influência de Benedict Anderson seja reconhecida, Chatterjee propõe uma reconsideração das ideias de Anderson, que ele considera não directamente aplicáveis a sociedades pós-coloniais, desde que se tenha em mente formas anti-coloniais de nacionalismo. Igualmente a realçar é o

ensaio de Sylvia Walby, «Woman and Nation», em que Walby, para além de referir a falta de atenção, por parte da maioria dos intelectuais ligados à problemática da identidade nacional, às questões relacionadas com a posição das mulheres, e à relação entre mulheres e nacionalismo, aponta, com base em vários trabalhos prévios, nomeadamente *Woman-Nation-State* (1989), vários modos para integrar considerações feministas na conceptualização dos 'projectos nacionais'.

- ▶ **BHABHA, HOMI K.** – *The Location of Culture*, London/New York, Routledge, 1994.

Homi Bhabha tem vindo a ocupar um lugar preeminente no debate sobre nacionalismo e identidade nacional, partindo duma posição crítica relativamente ao conceito de nação, que ele considera como um termo ambivalente e marco da condição liminar da cultura moderna, e adoptando uma visão transnacional que privilegia o hibridismo e o nomadismo. Este livro reúne uma série de artigos importantes, todos relacionados com a intersecção das problemáticas do pós-colonialismo e do transnacionalismo, dentro dos quais se destaca, pelo seu valor teórico e aplicação generalizada, «Dissemination: Time, Narrative and the Margins of the Modern Nation» (pp. 139-170), já incluído na colectânea *Nation and Narration*. Com base tanto em aspectos da crítica pós-estruturalista, principalmente através da influência de Derrida, como na sua experiência pessoal de migração, o discurso de Bhabha não só representa uma das melhores articulações do impacto da teoria pós-colonial, como uma ponte entre considerações mais restritamente de índole filosófica e 'cultural studies'.

- ▶ **BHABHA, HOMI K.** – (ed.) *Nation and Narration*, London/New York, Routledge, 1990.

Tal como Bhabha anuncia no seu prefácio a esta colectânea que reúne dezasseis ensaios de diversos autores, o impeto para o seu lançamento provém do estudo de Benedict Anderson, *Imagined Communities*. Consequentemente, Bhabha começa por declarar que «as nações, tal como as narrativas, perdem as suas origens nos mitos do tempo e só realizam completamente os seus horizontes na imaginação» (p. 1). O propósito dos vários ensaios aqui reunidos é de «to explore the Janus-faced ambivalences of language itself in the construction of the Janus-faced discourse of the nation» (p. 3) Assim, e baseando-se em premissas de Derrida, Bhabha vê estes estudos segundo uma óptica em

que as fronteiras e os limites se tornam em espaços intermediários que possibilitam uma mediação dos sentidos de autoridade cultural (p. 4). Se os estudos focam aspectos de identidade nacional, fazem-no não num sentido nacionalista mas sim numa perspectiva internacional e até transnacional. Para além de incluir o ensaio célebre de Ernest Renan «Qu'est-ce qu' une nation» e um ensaio sobre ele da autoria de Martin Thom, são de destacar os ensaios de Timothy Brennan «The National Longing for Form», o ensaio de Doris Sommer, «Irresistible Romance: The Foundational Fictions of Latin America», parte do seu livro com título homónimo; assim como os ensaios de Geoffrey Bennington «Postal Politics and the Institution of the Nation» e de Simon During «Literature - Nationalism's Other? The Case for Revision», que é de especial interesse. Os outros ensaios são mais aplicados a casos específicos, sendo as várias literaturas em língua inglesa o seu campo de acção.

- **CHABAL, PATRICK; AUGEL, MOEMA PARENTE; BROOKSHAW, DAVID; LEITE, ANA MAFALDA; SHAW, CAROLINE** - *The Post-Colonial Literature of Lusophone Africa*, Evanston, Illinois, Northwestern University Press, 1996.

Embora este volume, sendo escrito em Inglês, tenha como audiência em primeiro lugar um público sem acesso directo a textos escritos em Português, e até sem conhecimento sobre as condições sócio-culturais, históricas e políticas dos vários países africanos aqui representados, e por isso mesmo assuma mais o carácter de uma introdução analítica do que uma investigação sobre a condição pós-colonial e a relação entre literatura e identidade nacional nesses países, é de uma grande utilidade por permitir uma visão de conjunto através do rastreamento, efectuado pelos seus autores, das mais importantes publicações do período imediatamente posterior à independência, até ao presente. Aliás, embora os autores citem estudos prévios existentes em Português, quer de índole analítica, quer bibliográfica, este livro constitui um ponto importante para a pesquisa, não só por facilitar o acesso a dados sobre as literaturas em questão mas também por já iniciar uma problematização das suas relações com o conceito de identidade nacional, seja através da consideração das imposições ideológicas duma literatura ao serviço da luta anti-colonial, seja através da examinação dos modos de construir identidades nacionais no complexo mosaico etno-linguístico aqui examinado. Patrick Chabal, a quem coube a organização do volume é responsável pela «Introdução» e pelo primeiro capítulo sobre Moçambique; Ana Mafalda Leite escreveu o segundo capítulo sobre Angola,

enquanto Moema Parente Augel escreveu o terceiro sobre a Guiné. Na segunda parte do livro encontram-se os ensaios de David Brookshaw sobre Cabo Verde, e dois de Caroline Shaw, um sobre São Tomé e Príncipe, e o outro sobre literatura oral e cultura popular em São Tomé e Príncipe. Finalmente, a terceira parte é constituída por uma extensiva bibliografia (pp. 274-298), também da autoria de Caroline Shaw.

- ▶ **CHATTERJEE, PARTHA** - *The Nation and Its Fragments: Colonial and Postcolonial Histories*, Princeton, Princeton University Press, 1993.

Neste estudo, que continua reflexões desenvolvidas pelo autor num livro anterior, (*Nationalist Thought and the Colonial World*, 1986), Chatterjee foca a sua atenção nas literaturas e cultura da Índia, mais propriamente ainda, de Bengal, mas, como ele próprio aponta, as suas considerações são primariamente de ordem teórica, e, como tal, aplicáveis, com as necessárias modificações, a outras sociedades. Os onze capítulos podem ser lidos independentemente, embora no seu todo seja patente uma grande unidade de pensamento, numa eloquente e detalhada examinação das interrelações entre nacionalismo e imperialismo. O primeiro capítulo, «Whose Imagined Community?», como o título demonstra é uma elaboração crítica do estudo fundamental de Benedict Anderson. No segundo capítulo, Chatterjee examina a condição do Estado Colonial *vis-à-vis* o conceito de estado nacional. No terceiro capítulo, o autor examina detalhadamente as características da «Nationalist Elite», a classe média intelectual dedicada ao conceito de nacionalismo. Nos capítulos quarto e quinto a atenção é dada a uma consideração das relações entre a historiografia ocidental e a constituição de entidades nacionais afectadas pelo colonialismo. Nos capítulos sexto e sétimo, Chatterjee examina a situação das mulheres na constituição da ideologia nacional, e no oitavo capítulo foca a sua atenção noutra camada considerada marginal, os camponeses. Nos restantes capítulos, «The Nation and Its Outcasts», «The National State», e «Communities and the Nation», Chatterjee continua a sua análise, sempre informada por um sentido teórico rigoroso, e com grande quantidade de exemplos literários e culturais específicos, prestando especial atenção à maneira como vários grupos sociais na sua interacção constituem modelos de opressão e de resistência. Sem dúvida um dos livros mais importantes para uma reconceptualização do conceito de Identidade Nacional.

- ▶ **DAHRENDORF, RALF** - «Die Zukunft des Nationalstaates». *Merkur* 48.9-10 (1994): 751-761.

Afigura-se-me este ensaio de grande interesse, e por isso é aqui incluído a título de excepção, por defender brilhantemente uma posição que tem tido menos adeptos desde que a problemática das identidades nacionais tem vindo a ser reconceptualizada na última década e meia. Se para a maioria dos pensadores aqui representados, o conceito de nação é, senão nefasto em si próprio, pelo menos uma imposição colonial no que respeita a grande parte do mundo, e um elemento obsoleto na época do capitalismo transnacional, Dahrendorf, que foi director da London School of Economics, toma o partido oposto, lembrando que a nação-estado é o único sistema político capaz de garantir a liberdade cívica. O seu ponto de vista, embora possa parecer alinhado a uma crítica habermasiana ligada ao conceito de modernidade como essencial, afasta-se desse tipo de discurso, ao concentrar-se na complexidade real e actual das sociedades europeias neste momento preciso. Para Dahrendorf, a nação-estado heterogénea (*heterogene Nationalstaat*), embora não seja ideal, é de facto liberdade através do Direito, e como tal deve ser defendida pelos elementos liberais.

- ▶ **EAGLETON, TERRY** - *Ideology: An Introduction*, London/New York, Verso, 1991.

O conceito de ideologia é um dos mais difíceis de classificar. Neste livro, Terry Eagleton, um dos críticos mais conceituados e autor duma introdução à Teoria Literária que é usada como referência em muitos seminários de pós-graduação, minuciosamente e com grande clareza tenta destrinçar a complexa rede de significados à volta do termo, proporcionando assim uma visão histórica dos usos e significados a que tem sido sujeito e desenvolvendo a sua perspectiva própria. Para Eagleton, que rejeita a possibilidade de se conseguir uma definição única e estável do conceito de ideologia, é preferível situar a ideologia dentro do campo do discurso (*discourse*) do que do campo da língua, isto é, a ideologia funciona como uma série de efeitos discursivos e não simplesmente como significação (p.223). Eagleton começa com uma pergunta aparentemente simples, «What Is Ideology?», um capítulo onde grande parte da atenção é dada a uma consideração da perspectiva marxista de ideologia como falsa consciência, e prossegue com capítulos dedicados quer a períodos históricos marcantes («From the Enlightenment to the Second International») quer a vários intelectuais, dos quais se destacam, Lukács, Gramsci, Adorno, Bourdieu,

Schopenhauer e Sorel. No último capítulo, «Ideology and Discourse», Eagleton começa por apresentar o trabalho de V. N. Voloshinov, a quem é atribuída a primeira teoria semiótica da ideologia, e acaba por atacar o que ele considera como erros pós-modernos, especialmente os resultados duma visão neo-nietzschiana, e da inflação do termo 'discurso'.

- ▶ **EAGLETON, TERRY; JAMESON, FREDRIC; SAID, EDWARD W.** – *Nationalism, Colonialism, and Literature*, Minneapolis, University of Minnesota Press, 1990.

Embora os três ensaios reunidos neste pequeno volume abordem os temas indicados no título em relação específica com a situação da Irlanda, não deixam de ser importantes para outras aplicações. Se se tiver em conta uma certa correlação entre a situação de Portugal – como nação semi-periférica, durante longo tempo dominada por influências políticas e culturais das grandes potências europeias e ao mesmo tempo também um poder colonial – e a situação da Irlanda – na sua interrelação com a Inglaterra – estes ensaios apresentam modelos para uma reconceptualização da literatura portuguesa num âmbito pós-colonial. O ensaio de Eagleton foca especialmente questões relacionadas com nacionalismo e marxismo, enquanto Jameson concentra a sua atenção no movimento modernista e no imperialismo. Said, ao focar a sua atenção em Yeats, vê nele não só um dos nomes aclamados da literatura, mas especialmente um poeta nacionalista numa sociedade dominada por um poder colonialista, uma visão que poderia ser útil para considerar vários aspectos da literatura portuguesa na sua relação tanto com o resto da Europa como com as colónias.

- ▶ **FEATHERSTONE, MIKE** (ed.) – *Global Culture: Nationalism, Globalization and Modernity*, London/Newbury Park/New Delhi, Sage Publications, 1990.

Nesta importante colecção de vinte e três ensaios de autores significantes como Immanuel Wallerstein («Culture and the Ideological Battleground of the Modern World System»), Alain Touraine («The Idea of Revolution»), Zygmunt Bauman («Modernity and Ambivalence»), Anthony D. Smith («Towards a Global Culture?»), ou Arjun Appadurai («Disjuncture and Difference in the Global Cultural Economy») as questões interrelacionadas de globalismo e nacionalismo dentro

de ópticas da modernidade e pós-modernidade, são abordadas de diversas maneiras e com focos diferentes, tocando em assuntos directamente imbricados em questões metodológicas das várias ciências humanas, com relevo especial para a sociologia, a economia, e a ciência política, passando por assuntos específicos de Direito, ou gerais de Cultura, incluindo religião e epidemia (o ensaio de John O'Neill sobre SIDA). Na sua Introdução Mike Featherstone aponta para a necessidade de repensar a noção de Cultura Global fora dos parâmetros da nação-estado, assim como de evitar a reprodução de dicotomias ineficazes como homogeneidade e heterogeneidade. Por seu lado, Featherstone afirma a motivação de indagar sobre os processos que deram origem a tais divisões conceptuais como essenciais para a compreensão das sociedades nacionais e a sua exportação para o plano mundial. Um dos ensaios mais frequentemente citados é o de Appadurai, (versão integral publicada em *Public Culture* 2:2, 1990), em que ele propõe um modelo para a análise das disjunções características da situação global actual, resultantes, em parte, do capitalismo transnacional.

- ▶ **GELLNER, ERNEST** - *Encounters with Nationalism*, Oxford and Cambridge, Massachusetts, Blackwell, 1994.

Ernest Gellner é um dos principais investigadores dos conceitos de nacionalismo, nação e identidade nacional. Autor de vasta obra, da qual seria de salientar o livro *Nations and Nationalism* (Oxford, Blackwell, 1983), vários dos seus escritos aparecem em forma abreviada na antologia de Hutchinson e Smith, assim como um ensaio teórico originalmente publicado em 1993 e reunido na antologia de Balakrishnan, com parte incluída nesta colecção de ensaios (Capítulo 14). Para Gellner, o nacionalismo não pode ser reduzido ao seu componente ideológico, e é o nacionalismo que dá azo às nações, criando e inventando, ou lembrando os aspectos culturais de que necessita para se afirmar. Uma possível definição de nacionalismo, segundo Gellner, é a seguinte, exposta em *Nations and Nationalism*: «O nacionalismo não é o acordar de uma força antiga, latente e adormecida, embora seja dessa maneira que ele se apresenta agora. Na realidade, ele é a consequência de uma forma nova de organização social, baseada em altas culturas profundamente internalizadas e dependentes da educação, cada uma protegida pelo seu próprio Estado». Em *Encounters with Nationalism* Gellner reúne catorze ensaios que, se não possuem o carácter teórico que marca os seus trabalhos prévios, permitem aos leitores observarem a maneira como Gellner confronta os desenvolvimentos de outros pensadores, assim como aspectos da situação mundial presente. Os ensaios, preparados para situações diversas

abordam temas como «Nationalism and Marxism», «The Sacred and the National», «Civil Society, Nationalism and Islam». No último capítulo, «An Alternative Vision», Gellner desenvolve as suas ideias a respeito do trabalho de Miroslav Hroch, concluindo que já não há necessidade de se continuar a manter aquilo a que se refere como mitos, a ideia de 'classe' e a ideia de 'nação'.

- **GIESEN, BERNHARD** – *Die Intellektuellen und die Nation Eine deutsche Achsenzeit*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1993.

Várias razões levam à consideração deste livro: por um lado, o descrédito que durante longo tempo acompanhou o estudo da problemática do nacionalismo e da identidade nacional deve-se em grande parte aos efeitos nefastos do totalitarismo europeu e às suas consequências horríficas, com especial relevo para o nacional-socialismo e a tragédia do Holocausto; por outro lado, o facto de os vários discursos sobre identidade nacional serem em grande parte produzidos e reproduzidos principalmente por intelectuais e artistas. Assim, o estudo de Giesen, coloca em relevo questões fundamentais, partindo duma análise teórica sobre os vários conceitos, com atenção à literatura internacional especializada e tendo em conta tanto os efeitos duma condição pós-moderna como a crítica feita às posições europeias por parte de intelectuais como Chatterjee. Embora directamente assente sobre as condições sócio-políticas específicas da Alemanha, sublinhando a necessidade de imaginar a nação alemã, tanto antes de Bismarck como depois de 1945, independentemente de um Estado, isto é, a noção da Alemanha como nação-cultura, a análise efectuada por Giesen é de interesse geral e não restrito. Para além do estudo detalhado que apresenta sobre as relações das várias gerações de intelectuais, e dos seus diferentes imaginários nacionais, com o público e com os políticos, Giesen também formula um modelo analítico baseado numa variedade de códigos discursivos, elaborados por intelectuais em relação a outras camadas populacionais, códigos estes que funcionam em contraste com a noção de Estado e que seriam incompatíveis com a fusão da Nação e do Estado.

- **GILLIS, JOHN R. (ed.)** – *Commemorations: The Politics of National Identity*, Princeton, Princeton University Press, 1994.

Os treze ensaios reunidos neste volume foram apresentados num Congresso sobre «Public Memory and Collective Identity» no Center for Historical Analysis da Rutgers University em 1990, e representam, com ênfases bastante variadas,

uma tentativa de reconceptualizar o conceito de Identidade, especialmente em relação à construção da Identidade Nacional, através de um questionamento da sua relação com a memória e com a institucionalização de diversos actos comemorativos, em especial monumentos e museus. A introdução, a cargo de John Gillis, explicita, com grande clareza, a importância que a reconceptualização do conceito de Identidade – visto como um processo e não como essência – assume para compreender as mudanças históricas e a sua estratificação através de várias camadas sociais, que acompanham a reformulação da Identidade Nacional, desde o período pré-nacional até ao presente, que classifica como pós-nacional. Do seu ponto de vista, o progresso, em termos de uma democratização dos processos de (co)memorização, vai além da inclusão de grupos previamente marginalizados. O que é importante, então, é a consequente proliferação das imagens e memórias pessoais. Esta proliferação, entretanto, fragmenta irredutivelmente as imagens colectivas, o que torna necessário às sociedades democráticas, o converterem essas imagens pessoais em imagens públicas em vez de as isolarem dentro da esfera pessoal. Dois dos ensaios aqui reunidos são de destacar, dado o seu carácter teórico generalizado. O primeiro, de Richard Handler, «Is 'Identity' a Useful Cross-Cultural Concept?» começa por analisar o conceito de Identidade. Handler chama a atenção para um sentido de segurança falso ao nível epistemológico que permite que um grande número de ensaístas utilize o conceito de Identidade como se ele fosse transparente, e critique, ao mesmo tempo, outros conceitos com ele relacionados, como cultura, nação ou etnia. Para Handler, o uso global de termos como Identidade Nacional é relativamente recente e depende do alastramento de ideias hegemónicas especificamente ocidentais. O segundo, de David Lowenthal, examina as relações entre sentimentos de herança pessoal, familiar, e herança colectiva, nacional, no processo de formação da Identidade Nacional.

- **GREENFELD, LIAH** – *Nationalism: Five Roads to Modernity*, Cambridge, Massachusetts/London, Harvard University Press, 1992.

Se de um certo ponto de vista este estudo pode ser considerado como monumental, abrangendo o desenvolvimento da ideia de Nacionalismo na Inglaterra, França, Rússia, Alemanha, e nos Estados Unidos – as cinco vias para a ‘Modernidade’ do título – com grande atenção dedicada a textos originais tanto históricos como literários, a tese que lhe subjaz é não só controversa, como se afasta da maior parte dos outros investigadores, incluindo os que, como

Greenfeld, defendem a validade do conceito de Nacionalismo. Greenfeld parte do princípio de que é na Inglaterra, em 1600, que pela primeira vez aparece a noção de Nacionalismo, que ela entende como sendo sinônima da noção de soberania radicada num povo. Como muitos outros investigadores, Greenfeld considera que o termo "Nacionalismo" é complexo e sobrecarregado de sentidos diversos. No entanto, como ela explica na "Introdução", seria possível traçar uma linha de desenvolvimento semântico em que do latim "natio", pejorativo e conotativo de "estrangeiro", se passaria às "nações" da Universidade medieval, daí a um sentido de comunidade elitista dentro da Igreja, e, em 1600, ao sentido de "povo". A exclusão de Portugal e de Espanha das suas considerações decerto limita-as, mas mesmo em relação à Inglaterra outras conclusões seriam possíveis. Como Greenfeld anuncia, a ideia central do seu livro é a de que, em vez de ser a Modernidade a ocasionar a formação do conceito de Nacionalismo, é o Nacionalismo que lança as sociedades para a Modernidade (p. 18).

- ▶ **GUIBERNAU, MONTSERRAT** – *Nationalisms: The Nation-State and Nationalism in the Twentieth Century*, Cambridge, Polity Press, 1996.

Como introdução ao tema, este estudo é extremamente acessível, permitindo uma familiarização com várias abordagens desenvolvidas especialmente no campo da sociologia política. Guibernau começa por resumir as posições de Treitschke, Marx, Durkheim e Weber em relação ao nacionalismo, passando depois a um resumo das várias tentativas de definição do termo nação, focando aspectos variados como o conceito de nação-cultura e de nacionalismo como ideologia, assim como tratando da relação entre o Estado e o poder. O seu terceiro capítulo é dedicado a considerações sobre Identidade Nacional e no quarto apresenta o aspecto negativo da ideia de nacionalismo, na sua expressão racista e fascista. Os capítulos cinco e seis são de bastante interesse, já que neles Guibernau trata de nações sem estado próprio independente e soberano (como é o caso da Catalunha em que se apoia) e de estados que não constituem uma nação homogênea, com referências breves à situação de vários estados africanos. No último capítulo o autor reflecte sobre a expansão global, apoiando-se principalmente em Wallerstein e Appadurai. A clareza com que Guibernau resume vastos materiais em si já seria útil, mas, além disso, o autor também tenta ampliar e modificar vários argumentos, especialmente os expostos por Ernest Gellner.

- ▶ **HOBBSAWM, E. J.** - *Nations and Nationalism Since 1780: Programme, Myth, Reality*, Cambridge, Cambridge University Press, 1990 (2.^a ed. revista, 1992).

Livro indispensável para quem queira debruçar-se sobre questões de Identidade Nacional. Eric Hobsbawm, no campo da História, é uma das autoridades mais frequentemente citadas, quer a respeito de nacionalismo, quer sobre o desenvolvimento das sociedades europeias modernas. Neste livro, Hobsbawm traça o desenvolvimento do conceito moderno de nação na Europa, desde os movimentos liberais até ao presente. Para Hobsbawm o desenvolvimento do capitalismo está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento do nacionalismo. No último capítulo, em que Hobsbawm considera a situação actual, a sua conclusão é a de que o nacionalismo como ideologia presentemente perdeu muito do seu poder, já que mesmo as grandes nações não têm controlo efectivo da economia devido ao carácter transnacional assumido pelo capital, ao passo que os movimentos separatistas na Europa ocidental, ao pretenderem ligar-se directamente a uma União Europeia, efectivamente se desligam das aspirações nacionalistas tradicionais. Dado que Hobsbawm começa a sua análise do conceito de nação através da consulta de dicionários espanhóis e brasileiros é surpreendente que sobre Portugal nada seja escrito para além da observação de que segundo o *Dictionnaire politique* de Garnier-Pagès (1843), nem a Bélgica nem Portugal se poderiam considerar como nações devido à sua escassez territorial (p. 30).

- ▶ **HUTCHINSON, JOHN; SMITH, ANTHONY D.** (eds.) - *Nationalism*, Oxford/New York, Oxford University Press, 1994.

Esta antologia constitui um elemento de trabalho indispensável, reunindo quarenta e oito ensaios de quase tantos outros autores, representando grande variedade de disciplinas assim como metodologias e perspectivas. Os textos são, na maior parte, excertos de obras maiores, um meio necessário para conseguir uma edição viável e que se destina, entre outras funções, a ser usada como antologia para seminários sobre o tema. No entanto, os editores apresentam pequenos trechos introdutórios a cada uma das sete partes temáticas em que a antologia está dividida, além de uma introdução geral, que permitem situar os vários textos no seu contexto próprio. Além disso, o volume encerra com uma bibliografia útil. As sete divisões estão agrupadas de acordo com os seguintes

temas: «A Questão da Definição» com textos de Renan, Stalin, Weber, Deutsch e outros; «Teorias do Nacionalismo» com textos de Kedourie, Gellner, Nairn, Hobsbawm, Anderson, Smith e outros; «O Surgimento das Nações»; «Nacionalismo na Europa»; «Nacionalismo fora da Europa»; «Nacionalismo e o Sistema Internacional» e «Para além do Nacionalismo?». Nesta última secção encontra-se um texto de Floya Anthias e Nira Yuval-Davis, que é a «Introdução» ao seu importante estudo *Woman-Nation-State* (London, Macmillan, 1989).

- ▶ **LOURENÇO, EDUARDO** - *Nós e a Europa ou as duas razões*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1988.

Grande parte da vasta obra de Eduardo Lourenço é precisamente uma tentativa de repensar a ideia de Portugal e, por isso, muitos outros textos seus poderiam aqui ser incluídos, alguns que até poderiam parecer ainda mais importantes, como é o caso de *O Labirinto da Saudade*. No entanto, neste livro Lourenço reúne alguns ensaios que são de essencial importância para quem se dedique à questão da identidade nacional portuguesa, até por se dirigirem tanto em relação à Europa e à posição de Portugal no continente a que pertence, como à questão de África, ou, mais propriamente, ao colapso final do Império português e dos efeitos (ou falta deles) na concepção da identidade nacional. Lourenço, que considera Portugal, ao contrário de outras nações-estado como a Espanha ou mesmo a Alemanha, uma sociedade homogénea, afirma que em vez de se notar uma crise de identidade em Portugal, seria mais apropriado falar-se de uma hiperidentidade portuguesa. Como sempre, a escrita de Eduardo Lourenço brilha pelo seu poder expressivo e, se bem que se possa discordar duma ou doutra posição por ele assumida, é necessário constatar que os seus ensaios demonstram bem não só a sua familiaridade com as correntes gerais da problemática tal como ela tem vindo a ser desenvolvida fora de Portugal, como também aponta para muitos assuntos que é precisamente necessário explorar mais a fundo. Eduardo Lourenço, por mais "psicologizante" que a sua óptica se mostre, não perde nunca de vista a distância fundamental entre a realidade e a construção mítica da identidade nacional, ao mesmo tempo que não deixa de ter em conta a importância que esta última assume como ideologia e, portanto, como capaz de suplantar a realidade.

- **McCLINTOCK, ANNE** - *Imperial Leather: Race, Gender and Sexuality in the Colonial Contest*, New York/London, Routledge, 1995.

Anne McClintock começa o seu vasto estudo referindo-se ao começo de um livro de Rider Haggard, *King Solomon's Mines* e prestando especial atenção ao mapa aí representado, «desenhado em 1590 por um comerciante português, José de Silvestre», o que ironicamente poderia servir para despertar a curiosidade de outros investigadores para a necessidade de referir textos portugueses como elementos indispensáveis a qualquer reflexão sobre as categorias de Império e de Nação, e para a necessidade de repensar a Identidade nacional através de um processo de re-examinação dos contactos entre as colónias e as metrópoles europeias. O estudo de McClintock foca sobretudo textos em Inglês, mas representa uma abordagem extraordinária no âmbito dos 'cultural studies' que se torna indispensável para quem se queira debruçar sobre a questão do pós-colonialismo. McClintock, usando textos literários bem como muitos outros produtos culturais e industriais, traça uma análise brilhante das maneiras pelas quais categorias como 'raça' ou a situação social das mulheres num esquema patriarcal, têm de ser examinadas para se poder compreender como as identidades nacionais e imperiais se construíam e reproduziam. Também do ponto de vista metodológico, é imprescindível consultar a análise que a autora faz da proliferação de termos com o prefixo 'pós' no seu 'Postscript', «The Angel of Progress» e que, em relação a estudos pós-coloniais, é extremamente lúcido.

- **PARKER, ANDREW; RUSSO, MARY; SOMMER, DORIS; YAEGER, PATRICIA** (eds.) - *Nationalisms and Sexualities*, New York/London, Routledge, 1992.

Um dos mais interessantes estudos sobre as múltiplas constelações de Identidade Nacional, este volume reúne vinte e três ensaios, além da Introdução, em que uma variedade de intelectuais aborda as intersecções entre sexualidade e nacionalismo. Como ponto de partida, os autores, que representam várias disciplinas e prestam atenção a uma variedade de sociedades e momentos históricos diversos, consideram o renovado impacto do nacionalismo, notando, como os editores afirmam, que o poder da nação é geralmente expresso como uma forma de amor, tanto positivo como negativo. Esta antologia está dividida em seis partes temáticas. A primeira, «(De)Colonizing Gender», reúne artigos de Julianne Burton, Rhonda Cobham, Jonathan Goldberg, R. Radhakrishnan («Nationalism, Gender, and the Narrative of Identity»), e Gayatri C. Spivak. Na se-

gunda parte, «Tailoring the Nation», encontram-se três ensaios, de Marjorie Garber («The Occidental Tourist»), Norman S. Holland e Ann R. Jones e Peter Stallybrass. A terceira parte, «The Other Country» inclui cinco ensaios entre os quais «Plague in Germany, 1939/1989» de Sander L. Gilman e «Nationalisms and Sexualities in the Age of Wilde». Na quarta parte, «Spectacular Bodies», dos quatro artigos é de ressalvar o de Joyce Hope Scott intitulado «From Foreground to Margin: Female Configuration and Masculine Self-Representation in Black Nationalist Fiction». A quinta parte tem três ensaios, entre os quais, «State Fatherhood: The Politics of Nationalism, Sexuality and Race in Singapore» de Geraldine Heng e Janadas Devan. A última secção, também com três ensaios, foca a condição das mulheres em sociedades diversas como a Índia, Palestina, Irão e Afeganistão, analisando as relações entre movimentos feministas históricos e movimentos nacionalistas de libertação.

- **RAJCHMAN, JOHN** (ed.) - *The Identity in Question*, New York/ /London, Routledge, 1995.

A questão da 'Identidade' em si mesma, mesmo sem ter em conta as ramificações exercidas pela consideração do que seja a Identidade nacional, é extremamente vasta e complexa e, se tem vindo a ser analisada principalmente do ponto de vista da psicologia e da filosofia, o seu impacto dentro do campo da teoria social e política não é menos premente. Neste volume estão reunidos treze ensaios da autoria de eminentes intelectuais: Stanley Aronowitz, Etienne Balibar, Homi Bhabha, Wendy Brown, Judith Butler, Andreas Huyssen, Fredric Jameson, Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, John Rajchman, Jacques Rancière, Joan W. Scott e Cornel West. Os ensaios têm como plataforma comum um simpósio organizado em 1991 em Nova Iorque, relacionado com as questões de multiculturalismo e, portanto, duma certa maneira, fortemente localizado em problemas actuais e relativamente específicos nos Estados Unidos. No entanto, os ensaios não são nada limitados nesse aspecto, já que mesmo a orientação do simpósio, como Rajchman aponta, incidia especialmente num questionamento do conceito de comunidade política, com ênfase especial nos temas de universalidade, agência política, liberalismo, pluralidade, nacionalidade, vanguarda, alteridade, subjectividade, metodologia e teoria. Mesmo que alguns dos ensaios se afigurem como mais estritamente relacionados com a sociedade Norte-Americana, como é o caso do de Cornel West, ou Joan W. Scott, outros, como o de Andreas Huyssen intitulado «The Inevitability of the Nation: Germany After Unification», ou o de Chantal Mouffe «Democratic Politics and the Question of

Identity» e ainda o de Ernesto Laclau «Universalism, Particularism, and the Question of Identity», facilmente podem ser considerados como de leitura indispensável.

- **SCHNAPPER, DOMINIQUE** – *La Communauté des citoyens. Sur l'idée moderne de nation*, Paris, Gallimard, 1994.

Fora do domínio anglo-saxónico - onde o debate sobre Identidade nacional se tem vindo a intensificar nos últimos quinze anos - este livro representa talvez uma das mais importantes contribuições. Se bem que Dominique Schnapper continue a defender a ideia de nação como importante para a manutenção dos direitos individuais, começa por realisticamente introduzir dúvidas sobre a validade de se assumir que o conceito de nação-estado possa servir de garante a esses direitos: «Nous vivons aujourd'hui l'affaiblissement du civisme et des liens politiques. Rien ne nous assure que la nation démocratique moderne aura à l'avenir la capacité d'assurer le lien social, comme elle le fit dans le passé» (p. 11). Aliás, num capítulo importante, «Penser la nation», depois de considerar previamente os problemas da definição («une définition de la nation est déjà en tant que telle une théorie implicite de la nation», p. 27), assim como os trabalhos anteriores de um grande número de investigadores sobre uma variedade de temas como a relação entre etnia e nacionalidade ou a distinção entre nacionalismo e o conceito de nação, Schnapper afirma que «La participation à l'entité politique particulière qu'est la nation est un moment d'une histoire dans laquelle les hommes ont été progressivement intégrés dans des ensembles de plus en plus vastes. [...] Le cadre nationale est aujourd'hui, sur bien des points, objectivement dépassé par les échanges d'ordre technique, économique, militaire, informationnel et même politique» (pp. 182-183). Schnapper acaba portanto por concluir que assim como na Europa do século XVIII o sistema monárquico enfraqueceu por não estar preparado para corresponder às novas aspirações dos povos, também hoje em dia é possível que o sistema nacional igualmente se extinga (p. 202).

- **SMITH, ANTHONY D.** – *National Identity*, Reno/Las Vegas/London, University of Nevada Press, 1991.

Uma das afirmações mais directas e contundentes de Anthony Smith é que o Nacionalismo, como mito moderno, é o mais sugestivo mas é também sempre

multiforme. Além deste livro, Smith é também autor de uma série de estudos sobre problemas de Identidade nacional, como *Theories of Nationalism* (1971), *Nationalism in the Twentieth Century* (1979), *The Ethnic Origins of Nations* (1987), *State and Nation in the Third World* (1983) entre outros, incluindo a co-edição de uma importante antologia sobre o assunto. Neste livro, organizado como introdutório, encontram-se sete capítulos temáticos: «National and Other Identities», «The Ethnic Basis of National Identity», «The Rise of Nations», «Nationalism and Cultural Identity», «Nations by Design?», «Separatism and Multi-Nationalism» e «Beyond National Identity?». O livro inclui uma excelente bibliografia. Na Introdução, Smith claramente expõe os seus objectivos, divididos em quatro assuntos principais: as características de identificação nacional em contraste com outros modos; a função dos diversos fundamentos étnicos na construção das nações modernas; o carácter das ideologias e simbolismos nacionalistas e o seu impacto na formação de entidades territoriais, políticas e étnicas; finalmente, as consequências políticas dos diversos tipos de identidade nacional.

- ▶ **SOMMER, DORIS** – *Foundational Fictions: The National Romances of Latin America*, Berkeley/Los Angeles/London, University of California Press, 1991.

«Romances românticos vão de mãos dadas com a história patriótica na América Latina. Os livros alimentaram um desejo de felicidade doméstica que trespassa para sonhos de prosperidade nacional; e os projectos de construção nacional investiram as paixões privadas com um sentido de função pública» (p. 7), explica Doris Sommer no início deste estudo fundamental sobre os modos como a literatura da América Latina participa na constituição das diversas identidades nacionais. Na opinião de Hayden White, citado na contracapa, Doris Sommer, «ao utilizar métodos associados com Gramsci, Foucault, teoria feminista, narratologia e psicanálise, teoriza um 'eroticismo da política' peculiar ao processo de formação de comunidade na América Latina». Neste livro que tem vindo a ser extremamente influente, Sommer analisa uma variedade de textos, incluindo *O Guarani* e *Iracema*.